

Existe ‘fascismo de esquerda’?

RAYMUNDO DE LIMA*

"Atrevo-me a dizer que as ditaduras de esquerda são piores, pois as de direita Pode-se lutar de peito aberto. Mas quem o fizer contra as de esquerdas acaba acusado ou..." **Jorge Amado** – escritor e ex deputado pelo Partido Comunista.

"Eu tenho horror da esquerda que esconde o seu direitismo" **Nelson Rodrigues** – Teatrólogo

O termo fascismo hoje está bastante é banalizado; ora é usado para desqualificar o adversário, ora serve para estigmatizar ou calar aqueles dotados de pontos de vista diferente. Ficou fácil insultar alguém de fascista. Mas este termo “ainda pode ter um significado crítico se for possível utilizá-lo com certa clareza” (TERRA, 2012), desde que o descolamos de termos que induzem confusão e se aliena do contexto e interesse em que ele é usado. Essa é a recomendação de Wittgenstein: prestar a atenção mais ao uso do que a etimologia dos termos.

Em primeiro lugar, Umberto Eco (1995) nos alerta que não se deve confundir fascismo com nazismo, ainda que todo ato nazista também seja fascista. Mas um fascista – e até mesmo um integralista (ver adendo, no final deste texto) – pode não ser necessariamente nazista. Porque o nazista é seguidor da doutrina da supremacia da raça ariana (caucasiana ou branca), e para o fascista este olhar racial não é fundamento para seu jeito político e social de ser com os outros.

Então, conforme observa Eco (op.cit.), o fascismo é uma colagem de idéias “difusas”, não existindo propriamente

uma “teoria fascista”, mas um estilo de ser truculento tanto em atos como na imposição de suas ideias. Portanto, o fascismo além de difuso, é complexo e esquivo: tanto pode tender para a direita como para a esquerda na sociedade atual.

Origem e função

O nazismo é uma invenção alemã do ditador Adolf Hitler e seus asseclas, e o fascismo uma invenção do ditador italiano Benito Mussolini e seu grupo denominado “camisas pretas”. Ainda conforme Eco (op. cit.), podemos identificar um estilo fascista no uso de ameaças, terror moral e psicológico contra pessoas frágeis e discordantes, a imposição ideias e manobras para chegar ao poder político e se perpetuar nele. O objetivo fascista se sustenta na ideologia do poder-pelo-poder e da ação pela ação. O fascista compensa sua falta de vocação para o diálogo pela ação pela ação, observa Eco; ele não processa o ponto de vista do outro, porque o seu lhe foi revelado como ‘a’ verdade absoluta. Portanto, um dos indícios de atitude fascista é a incapacidade de escutar ou acolher o ponto de vista de outrem, e este sintoma não indica necessariamente uma personalidade psicopática, embora

muitos psicopatas abraçam a causa e o estilo fascista¹.

O fascismo também deve ser distinguido do autoritarismo patriarcal e tradicional, características das máfias criminosas, cuja tradição está na ideia poderosa de família e da “lei-do-Pai”, enquanto que no estilo fascista sobressai o *mais-poder* de um indivíduo (para além da ideia de família real), que cria uma atmosfera de ameaça constante para com aqueles que ousam discordar de suas ideias ou atos. Desse modo, o fascismo tem o poder de criar um “ambiente fascista” (ou atmosfera ameaçadora) tanto aos seus membros como aos demais. Os membros estão a serviço da causa fascista; eles devem estar sempre prontos para fazer abafar ou expurgar o diferente ou discordante e fazer valer sua força física ou simbólica.

O fascismo embrionário – profascismo, denominado assim por Umberto Eco – apresenta os seguintes indícios ou sintomas. **Primeiro**, começa pela promoção do silêncio sobre determinados assuntos ou temas. Assim, um grupo organizado com este estilo preventivamente cria uma atmosfera que impede uma discussão que pode abrir

¹ O filme clássico “Tormentos da alma” mostra um psiquiatra (Sidney Poitier), atente um prisioneiro, sociopata, nazi-fascista e racista. Já o psicopata do filme “Silêncio dos inocentes” nada tem de nazista ou de fascista. Este filme foi inspirado na vida real de Tedy Bundy, *serial killer* de cerca de 50 mulheres, nos EUA, que esbanjava charme e demonstrava alta capacidade de diálogo. A filmatografia é abundante de casos ilustrativos tanto de personagens fascistas como de personagens que sugerem terem defeito de caráter ou psicopatas.

Observação: o estudo “Psicologia de massa do fascismo” (1974), o psicanalista Wilhelm Reich trata do nazismo. O autor, que posteriormente se afasta da psicanálise, realiza um melhor estudo sobre a psicopatologia do fascismo no livro “Análise do Caráter”. Lisboa: Martins Fontes, 1979.

caminho para novas ideias (o fascismo goza com o que se apresenta ser tradicional e odeia o moderno). A organização fascista autoriza e promove ao máximo frases, slogans, piadas e chistes que freiam o pensamento livre². **Segundo**, a organização fascista proíbe – ou reprime – o uso de palavras que animam a atitude democrática ou dialógica, para fazer valer uma posição única, a sua, portanto, existe uma deliberada intenção de ignorar e desconsiderar outros posicionamentos ou polêmica (o fascista acha qualquer discussão perda de tempo). **Terceiro:** o fascista está convicto de ter ‘a’ verdade, de saber a ‘causa primeira’ de todos os males. Nele, atua a “fantasia de eleição divina”³, ou seja, ele se auto imagina dotado de poderes especiais para sanear o mundo. **Quarto:** podemos suspeitar desde a atitude profascista a tendência para depreciar a democracia e todos aqueles que a defendem. Para os profascistas e fascistas o democrata é um fraco, ingênuo, potencialmente corrupto. E o sistema democrático seria carregado de defeitos – e obviamente existem muitos. Para o profascista, a democracia “burguesa” é um mal da modernidade, e é preciso combatê-la. **Quinto:** sua retórica contra a democracia geralmente usa o estilo jocoso, irônico, sarcástico, que os incautos o tomam por humor. O uso recorrente da “retórica de difamação” (sic) entre outros estilos, é conscientemente usado como recurso para vencer o debate e ganhar espaço político e social, termina atraindo delinquentes disfarçados em atores da política. Então, várias estratégias são usadas para desacreditar a democracia e preparar as pessoas para vir para o lado

² Sobre o sentido do *slogan*, ver LIMA, R. **O poder hipnótico do slogan** (2003).

³ Cf.: interessante estudo de BECKER, S. **A fantasia da eleição divina:** Deus e o homem. Rio de Janeiro: C. Freud, 1999.

de uma “outra democracia”, que seria verdadeira e total. Trata-se de uma democracia “outra”, mitificada, retórica; na verdade trata-se de uma democracia-farsa, que não resiste ao teste da realidade e da lógica discursiva. **Sexto:** a retórica fascista geralmente usa um forte instrumento moral e racional cínico, ou seja, o fascista “justifica um ideia ou ato imoral como se fosse moral”. (É próprio do fascista forjar um discurso moral para atos imorais; ou seja, todo fascista faz pose de defensor da moral, logo, é um moralista). **Sétimo:** o fascismo privilegia a ação-pela-ação, na análise de Umberto Eco (op.cit.). Observo que depois da 2ª. Guerra Mundial, surgiram muitos grupos fascistas à direita e à esquerda. Os grupos Baader Meinhof⁴ (Alemanha),



Mussolini e Hitler em Veneza, na Itália. (Junho de 1934)

Brigadas Vermelhas (Itália), Sendero Luminoso (Peru), jamais tiveram apoio popular porque o povo não entedia a mensagem do terror. A ação-pela-ação destes grupos que se queria à esquerda (ou extrema esquerda), no fundo, despreza a elaboração de uma teoria e recusa fazer autocrítica.

O fascismo de esquerda, existe?

A expressão “fascismo de esquerda”, que a primeira vista parece estranha, porque o fascismo geralmente é mais associado ao nazismo [nazi-fascismo], é atribuída ao pensador da Escola da Frankfurt, Jürgen Habermas, ainda na década de 1960. Portanto, é preciso considerar o contexto político deste período: necessidade de crítica ao socialismo real soviético, guerra fria, tendência autoritária nos partidos comunistas, etc., que não iremos realizar neste texto.

⁴ O ex-terrorista do grupo [Baader Meinhof](#), grupo guerrilheiro urbano ou terrorista, agiu durante três décadas, foi responsabilizado por 34 mortes, incluindo alvos secundários como motoristas e guarda-costas e centenas de ferimentos em civis e militares, nacionais e estrangeiros em território alemão, além de milhões de marcos em danos ao patrimônio público e privado. Um ex-membro do grupo ao fazer autocrítica no documentário apresentado à televisão (?), considerou as atividades de “fascismo de esquerda” (sic). Ver relato interessante sobre as três gerações do [Baader Meinhof](#) disponível no Wikipedia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Baader_Meinhof. Sugestão de filme: [Der Baader Meinhof Komplex](#).

Observação de Freitag (1994): Depois que “Adorno chamou a polícia quando estudantes ameaçam invadir o instituto. Não havia, para ele, diferença entre os estudantes e os nazistas. / Habermas buscou usar as armas do debate crítico e criou a expressão “fascismo de esquerda”. Sem adesão dos estudantes, retirou-se para o instituto Max Planck, onde trabalhou de 71 a 83./ “Friedeburg e Marcuse dialogam com os estudantes, são partidários de reformas profundas no sistema universitário, mas rejeitam as práticas revolucionárias e as técnicas de guerrilha urbana do Baader-Meinhoff e da Rote Armée Fraktion (RAF)./ “A incorporação da ‘teoria crítica’ ao movimento estudantil parecia anunciar o seu fim.

A desilusão e incompreensão de ambas as partes terminou com a saída de Horkheimer para a Suíça (1967), a morte prematura de Adorno (1969) e a crítica de Marcuse a certas simplificações da New Left”. Alguns estudantes ingressaram em seitas ou em partidos, outros partiram para a luta armada, um pequeno grupo optou pelo debate teórico com o frankfurtianos.



Jürgen Habermas; “A democracia [deliberativa e laica] é o principal ponto do meu trabalho [intelectual]”. Cf.:

<http://www.youtube.com/watch?v=AfmlYOkOuIo>

Evidentemente que o fascismo, como a principal modo de expressão da direita, “desenvolveu uma oposição ao socialismo e o comunismo, embora muitos fascistas houvessem sido marxistas no passado”⁵. O problema, aqui, da junção entre “fascismo” e “esquerda” recai sobre o encontro de ambos os extremos (extremismo), tal como é ilustrado na **fita de Moebius** ou **Möbius**⁶. Ou seja, esta fita torcida e parecendo o símbolo infinito da matemática, sugere que os *extremos* “a” e “z” se encontram, sobretudo quando existe atuação *extremista* marcado somente de ação-pela-ação.

⁵ **Curiosidade:** Benito Mussolini, antes de ser líder fascista italiano tinha sido socialista. Depois que conheceu Lenin e Angelica Balabanoff, Mussolini teria se juntado ao Marxismo Socialista. Ele teria sido profundamente influenciado pelas ideias do sociólogo [Vilfredo Pareto](#), do sindicalista [Georges Sorel](#), pelo marxista Charles Peguy, os sindicalistas George Sorel e [Hubert Lagardelle](#). (Fonte: Wikipedia).

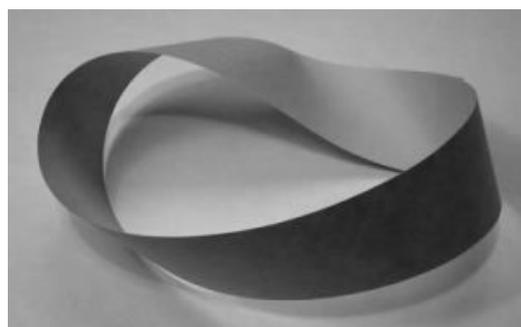
⁶ Fita de Moebius (Fita de Möbius):
Consulte:http://pt.wikipedia.org/wiki/Fita_de_M%C3%B6bius

Visualize

em:

(1)<http://www.youtube.com/watch?v=ewa-WUK1z8s&feature=related>; (2)
<http://www.youtube.com/watch?v=an159IwfAS8>

Noutros termos, os extremistas de esquerda (comunismo) e de direita (nazi-fascismo) se encontram *nos seus atos “puros” e modos de discurso dominador, autoritário, persuasivo ou impositivo de suas ideias*. Seguindo a fita de Moebius, os extremos “comunismo” e “nazi-fascismo” se encontram num ponto comum: na exacerbação da ação, na posição antidemocrática e totalitária.



Fita de Moebius

Assim, o uso da violência para conseguir realizar projetos antidemocráticos ou totalitaristas podem ser considerado fascista à direita ou à esquerda. A tática de eliminação física do oponente ou a exclusão (expurgo) dos supostos adversários, sem direito de defesa, revela truculência e crueldade fascista, também é sintoma da esquerda revolucionária marxista-leninista. No século 20 esta esquerda “revolucionária” em nome de uma sociedade “igualitária” e “justa” tentou justificar os expurgos políticos e assassinatos sistemáticos em nome de uma causa “justa”. Ou seja, o uso da razão cínica visa causar um impacto moral, no fundo também cínico. Albert Camus, ao escrever *O Homem Revoltado*, já nos anos 1950, contorna o cinismo quando recusa a ideia de “revolução” e investe a favor da revolta⁷.

⁷ Para aprofundar sobre a ideia de “revolta” em Camus contra a ideia de “revolução” em Sartre, ler principalmente o cap. 6 “Violência e comunismo”, no livro de ARONSON, R. **Camus e Sartre**: o polêmico fim de uma amizade no

Porque a revolução, no sentido camusiano, carrega dentro de si o ranço fascista, enquanto que a “revolta” é um “protesto obscuro que não envolve nem sistema e nem razões”, sustenta o espírito de indignação (não caracterizado pela violência) e é um testemunho sobre a ordem das coisas.

No período da ascensão e consolidação dos bolcheviques no governo soviético na URSS, podemos observar indícios de fascismo. Retirar a foto de Trotsky da galeria dos revolucionários bolcheviques, expurgá-lo, bem como disseminar estigmatizações de “burguês” para dissidentes, deportá-los para a Sibéria, promover a deduração, criação de um clima policesco entre a população, resultado em inúmeras prisões e fuzilamentos, como não reconhecer fascismo nestes atos? Também a Revolução Cultural Chinesa, poderia ser considerada autêntico ‘fascismo de esquerda’, principalmente pela uniformização física e moral da população, a extrema intolerância para o diálogo, o endeusamento do Grande Líder Presidente Mao, a fetichização do livrinho vermelho, a falta de liberdade de imprensa, a manipulação dos dados estatísticos visando enganar o povo, a prática de pendurar cartaz no peito de homens e mulheres acusados de “inimigos da revolução”, “inimigos do povo”, “burguês”, etc. Intelectuais foram retirados de suas famílias e exilados em lugares próprios para serem “reeducados” durante a Revolução Cultural na China, tal ato nada deve aos

pós-guerra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. Tb. LIMA, R. Revolução ou revolta? Parte 1. Disponível em:

<http://www.espacoacademico.com.br/086/86li_ma_raymundo.htm>

LIMA, R. Revolução ou revolta? Parte 2 (Um retorno à Camus, em 7 pontos). <http://www.espacoacademico.com.br/087/87li_ma.htm>

procedimentos do nazismo e do stalinismo.

Ou seja, o fascismo de direita e o fascismo de esquerda, ontem e hoje, tem o poder criar um clima ameaçador e paranóico generalizado antecipando a qualquer possível discordância. É próprio de o fascista usar atitudes que calam e que estigmatizam o diferente como sendo “inimigo”. O fascista delira ver inimigos onde habitam apenas discordantes ou debatedores.

Ainda, o fascista genuíno, extrema-direita, é facilmente identificado e muitas vezes é odiado. Já o discurso fascista de esquerda é mais difícil ser visível como tal, sobretudo porque se representa ser agente do “bem”; supostamente ele seria “fascismo do bem” que luta para implantar o paraíso na terra e a felicidade real entre os seres humanos.

O fascismo de esquerda e o movimento estudantil

O movimento dos estudantes, no Brasil, desempenhou papel fundamental para redemocratização e a produção de líderes políticos. José Dirceu, José Serra, Vladimir Palmeira, Fernando Gabeira, são alguns dos nomes de ex-líderes do movimento estudantil brasileiro da fase áurea deste movimento. Os grêmios locais, estaduais e a UNE, foram imprescindíveis para a derrubada da ditadura militar pós-64. Todavia, atualmente parece existir um intenso aparelhamento das principais entidades estudantis por partidos políticos, sobretudo dos micropartidos de extrema esquerda que fazem oposição ao governo Lula-Dilma. Mas também existem grupos de estudantes –um tanto envergonhados – que fazem parte de partidos da base aliada do governo. Muitos analistas concordam sobre a falta de identidade no atual movimento

estudantil brasileiro. São poucos os professores e políticos de esquerda com coragem para reconhecer “fascismo de esquerda” em alguns grupos minoritários de estudantes universitários. Os mais esclarecidos sabem o que é sofrer o constrangimento que passou o professor Theodor Adorno, em 1969, com os estudantes invasores, o que certamente contribuiu para sua morte no mesmo ano.

A invasão ou ocupação de prédios das universidades públicas em 2011 e 2012, (principalmente pelos estudantes da USP/ Universidade de São Paulo, no final 2011, que ganhou ampla repercussão na imprensa “burguesa”), bem como os movimentos visíveis para a legalização da maconha e outras drogas pelo Brasil afora, as pautas com reivindicações de inspiração “burguesa” (inimagináveis pelo movimento estudantil eminentemente pró-democracia, até a década de 1980), levantam a discussão sobre o que está acontecendo com o movimento estudantil brasileiro? Por que o movimento estudantil está cada vez mais distante dos alunos comuns e mais atrelado aos partidos políticos? Não faltaram críticas de um Vladimir Palmeira, Fernando Gabeira, entre outros, que fizeram parte de um autêntico movimento estudantil que muito contribuiu para combater a ditadura militar e a redemocratização do país. Atualmente o movimento estudantil sectário, e braço dos micropartidos de extrema-esquerda nega o avanço na democracia, se aliena diante do crescente poder do narcotráfico que faz aumentar os índices de dependentes químicos⁸ no campus, ignora os roubos

⁸ Alguns professores corajosos procuram orientar os alunos em geral sobre o perigo que representa o narcotráfico para o movimento político dos estudantes. Mas outros fingem que o narcotráfico não representa perigo, ou argumentam à moda

do patrimônio público e é insensível aos estupros e mortes em alguns *campi*, como já ocorreu na USP. Conforme observa Palmeira:

"O movimento que houve na USP aparentemente foi para afastar a PM. Mas **ele usou formas de luta ilegais, como ocupação, e perdeu a simpatia da opinião pública. Atualmente, grande parte da população de São Paulo é contra o movimento [estudantil]**. Isso não acontece com o movimento no Chile, por exemplo, já que os estudantes têm causas muito claras, como a luta por uma educação pública e gratuita".⁹ [grifo meu].

Especialmente as ocupações de estudantes ocorridas na USP, em 2011, foram consideradas com “déficit democrático” (sic) ou relembram o episódio ocorrido com Adorno, que Habermas posteriormente chamou

dos cínicos⁸ ser a drogadicção expressão da cultura universitária, direito de se drogarem, etc. Ora, é um contrasenso que professores psicologia, medicina, filosofia ou sociologia, não se pautarem pela verdade na análise dos malefícios da drogadicção e do engano de gozo proporcionada pelas drogas e o álcool. Segundo o 1º. Levantamento Nacional do Uso de drogas, álcool, tabaco e outras drogas, em 2010, em 27 capitais brasileiras, **“o percentual de jovens universitários que consomem drogas tende a ser até duas vezes maior que o daqueles que não são universitários. A pesquisa aponta que 48,7% dos estudantes universitários usaram drogas ilícita na vida (52,8% entre os homens), enquanto, na população brasileira, o índice é de 22,8%, segundo levantamento geral realizado em 2005”**. Obviamente, isso não é um problema de política, mas sim de saúde e educação (que é cega no meio universitário, no Brasil). Cf:

http://www.grea.org.br/I_levantamento/I_levantamento_nacional.pdf

⁹ Publicado no Jornal do Brasil, em 21/11/2011. Disponível em: <http://www.jb.com.br/pais/noticias/2011/11/21/movimento-estudantil-vive-crise-de-identidade-apontam-politicos/>

“fascismo de esquerda” (SALINAS, 2004; TERRA, 2012).

“O que entendo aqui por fascismo de esquerda é a postura de certos grupos que **consideram a democracia e o estado de direito vigentes no Brasil atual como inexistente ou como meros instrumentos de dominação da burguesia.** De maneira mais ou menos clara, **só veem uma saída na revolução que destruiria o direito burguês e o capitalismo.** Têm uma visão absolutamente instrumental do direito e, como estratégia, **pretendem usar os procedimentos democráticos e jurídicos para destruir a “falsa” democracia existente. A democracia real só se daria no socialismo/comunismo (real?)** [negrito meu].

Então, os sintomas do fascismo de esquerda na universidade contemporânea podem estar na truculência nos atos de invasão/ocupação do bem público, nas intimidações ou *bullying* dirigidos aos alunos e professores, nas pseudo-assembléias deliberativas ou desrespeito às decisões da maioria dos estudantes, na criação de situações violentas que obrigam as autoridades tomarem atitude extrema (chamar a polícia)¹⁰, nos discursos retóricos ao estilo fascista cujo propósito visa queimar os defensores do pluralismo democrático usando estigmas manjados (“burguês”, “neoliberal”, “fascista”), nas pichações e vandalismo do bem público, etc. No caso específico da USP, também chamou a atenção o uso de capuzes e bumbos entre os estudantes que comandavam a ocupação. Ainda existem as manifestações delirantes do tipo “vivemos em um estado de sítio”, “estamos em um campo de concentração e que a ditadura

¹⁰ Exemplos de atitude danosa ao patrimônio público: invasão da reitoria, depredação de bens (carteiras, laboratórios, aparelhos eletrônicos, etc.), pichações no espaço da instituição, etc.

brasileira não acabou” (TERRA op.cit.), “a UEM (Universidade Estadual de Maringá) é dominada pelo panoptismo” (assim discursou um advogado dos direitos humanos convidado pelos estudantes, em 2012. Ora, uma universidade com poucos vigilantes, com alto índice de roubos de aparelhos eletrônicos e de carros, até foi roubado um barco de pesquisa, isto é ser “panóptico”? A reunião ocorreu sob um forte cheio de maconha, isso é panoptismo? Ora, a maioria das universidades públicas, no Brasil, é uma bagunça, e os gestores são omissos, populistas ou simplesmente covardes.

Ainda no campo universitário brasileiro, do lado dos professores, é possível identificar sintomas do fascismo de esquerda. Supomos que um professor-pesquisador de competência reconhecida é preterido para participar de bancas de mestrado e doutorado, por um grupo “ideológico” que monopoliza a área daquele conhecimento. Isto é ou não “fascismo”? Ora, um trabalho acadêmico (TCC, dissertação ou tese) deveria se dispor à dialogia através dos argumentos e demonstrações; e a escolha dos membros da banca examinadora deve se pautar pela competência e abertura ao diálogo, afinal, ciência é *dialogia* ou discussão sistemática¹¹. Uma banca que desrespeita estes critérios fabrica um faz-de-conta de defesa ou uma farsa de diálogo, apenas fundado no narcisismo das ideias manjadas.

Como observamos no início deste ensaio, o termo fascismo hoje é usado de modo impreciso, geralmente visa

¹¹ “A razão para Habermas constitui-se no resultado de um diálogo, em que dois indivíduos, através de argumento, chegam a um acordo [...]. A razão não é monológica, mas *dialógica*. Esta razão não é inata, transcendental; é a intersecção de três mundos: o objetivo, o social e o subjetivo dos afetos” (FREITAG (1986).

desqualificar o adversário ou estigmatizar uma autoridade. No período da ditadura militar, a esquerda usava corretamente o termo fascista para atos antidemocráticos ou às reações repressivas que sustentavam tal regime. E os simpatizantes da ditadura e os fascistas estigmatizavam de “comunista” os movimentos políticos que lutavam pela abertura democrática. Assim, Fernando Henrique Cardoso, José Serra, artistas como Chico Buarque, Geraldo Vandré, que nunca foram comunistas, eram assim considerados pelos fascistas e profascistas que sustentavam o regime de ditadura militar pós 64. Hoje em dia, os grupos maníacos ou com má fé facilmente chamam de fascista qualquer desafeto ou um ato repressivo-preventivo necessário em qualquer espaço público. É preciso estar em dia com a prudência, o ceticismo e a sanidade.

Fascismo e stalinismo

Brevemente precisamos esclarecer este ponto: existe uma distância considerável entre o fascismo e o stalinismo. Segundo o estudo de Slavoj Žižek (1992), o fascismo atua pelo investimento na “liga” (coesão grupal e reuniões visando atos violentos, passando por cima dos direitos e das instituições democráticas), também o uso da fala “messiânica” do Líder [*Führer*] que hipnotiza os convertidos como se fizessem parte de uma seita religiosa. Já o stalinismo se baseia na força do “texto” supostamente marxista-leninista. Um “texto” evidentemente tratado como se fosse “sagrado”, inquestionável e infalível, e, como tal é reduzido a uma cartilha ou manual, portanto, longe do raciocínio complexo do “texto clássico” de Karl Marx e da imperiosa necessidade de exercício dialético com a realidade.

Zizek (op.cit.) aproxima o “discurso stalinista” do “discurso da

universidade”, termo este emprestado da leitura psicanalítica de Jacques Lacan. Por que esta aproximação conceitual? Porque estes dois discursos se sustentam da burocracia dominante, que promove uma ilusão de completude entre os sujeitos. Assim, ser um instrumento da realização da necessidade histórica tem como consequência a recusa radical da subjetivação do sujeito histórico-burguês. “O advento do sujeito burguês se define por seu direito ao gozo livre, o sujeito ‘totalitário’ faz com que essa liberdade seja vista como a do Outro, do ‘ser supremo em Malignidade’”(ŽIZEK, op. cit. : 68). “É esse o sentido da célebre afirmação de Stalin: “*nós, os comunistas, somos gente de um feitio à parte: somos feitos de um estofa à parte*”¹². Este sentido de separação/exclusão “nós” e “eles”, em que o “nós” se mostra superior e os demais “inferiores” faz o estilo stalinista se aproximar do estilo nazi-fascista. Todavia, enquanto o stalinismo se coloca *superior* pelo projeto político-ideológico (texto) o nazista se vê em *superioridade* à partir da raça ariana, supostamente pura e messiânica e eleita pelo ser superior. Portanto, o *fascismo de esquerda*, stalinista ou outro qualquer, é quando o revolucionário se coloca “superior” aos demais *porque lhe foi revelado pelo texto sagrado sobre o que-fazer*.

Um olhar psicanalítico sobre o fascismo

Para o psicanalista Melmam (2000) “o fascismo solicita um saber implícito nos membros do grupo concernidos, essa limitação sendo precisamente sua condição. *Sua força está ligada não racionalmente, mas ao despertar de potencialidades até então negligenciadas*” [grifo meu]. Aos

¹² Žižek (1992), ver cap. “O discurso stalinista, op. cit., p.72-96.

poucos, no curso dos anos, ao redor do suposto “grande líder” (Hitler, Stalin, Mao, Kadaffi, Pinocheht, King II, etc.), as pessoas tornam-se menores [menoridade intelectual, como alertava Kant], ficam obedientes e fascinadas para com o carisma e o suposto poder divino do “grande líder”. Assim como existe um gozo sádico do “grande líder” extraído do seu próprio narcisismo e da adoração dos seguidores e discípulos, estes também extraem gozo masoquista da relação com o líder sádico. Em verdade, as pessoas “são engolidas pelo ‘gigante’ imaginário representado pelo líder supremo, analisa Elias Canetti em *Massa e poder* (São Paulo: C. Letras, 1995, p. 440). Quando o “grande líder” morre gera comoção e desespero entre os seguidores e discípulos, que passam a viver um sentimento de orfandade. Freud (1974) distinguiu dois caminhos para elaborar a morte: “elaboração do luto” ou “melancolia”. Estas pessoas ao viverem a orfandade são obrigadas a passar pela fase crítica de interregno, e oxalá poderão superar o luto forjando um novo modo de viver sem apegos infantis ou muleta patológica.

O interregno, segundo Bauman, inspirado em Gramsci, originalmente era o hiato vivido intensamente pelas pessoas após o falecimento de um monarca soberano e a entronização do seu sucessor. Para o sociólogo polonês, hoje convivemos com a crise mundial que consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer; nesse interregno, uma grande variedade de sintomas mórbidos aparecem” (BAUMAN, 2009), fase esta marcada pelo desnorreamento, confusão, desesperança, como se todos fossem órfãos de pai e mãe. Alguns reagem com depressão, outros reagem com raiva e truculência contra os inimigos reais e inventados.

É verdade que o fascismo goza com o poder de inferiorizar e estigmatizar os diferentes com rótulos depreciativos: você é “isso”, aquele é “aquilo” e mesmo com atos de exclusão do grupo ou da própria vida. No primeiro caso, podemos considerar um ato fascista expulsar um dissidente por suas ideias ou fazê-lo calar; no segundo, é fascismo a eliminação física ou simbólica de um outro. Existe ainda um terceiro sintoma, muito usado no jogo democrático, que deveria ser contado como a mais perigosa expressão fascista: falácias ou pseudo-argumentos que jogam o outro na fogueira inquisitorial, para ser execrado pela opinião pública¹³.

Para concluir, cito Rouanet, que usa a psicanálise para explicar não exatamente o fascismo, mas sim, dirigido ao esclarecimento sobre o fundamentalismo religioso que emerge em nossa época. Seu pressuposto é que existem traumas coletivos, e não apenas individuais, que tendem a reações violentas com efeitos na sociedade contemporânea. No fundo, os fundamentalismos – e os fascismos à direita e à esquerda – são reações mais

¹³ Na campanha presidencial de 2010, no Brasil, o candidato que seria reconhecido como extrema-esquerda e contra o governo Lula, Plínio de Arruda Sampaio, insultou a candidata Marina Silva, dizendo “você é ecocapitalista”. Ainda que Sampaio negue e se sinta como parte do partido “socialismo e liberdade” (PSOL), ele abusou do discurso ao rotular os candidatos de centro-esquerda como sendo de direita. Parece que o conceito de liberdade para alguns é um vale-tudo perverso contra antigos companheiros, que teriam passado para o lado lá, logo, sua concepção maniqueísta opera com o “nós” (Bem) e “eles” (Mal). Portanto, este tipo de socialismo jamais é democrático, mas retórico e falacioso. Ele demonstra ser avesso ao uso da “razão comunicativa”, porque usa de todos os meios para destruir os adversários. Isso é fascismo! Lembremos que o fascista usa e abusa da “lógica da difamação”, e oculta seu desejo: a eliminação física e simbólica do outro.

ou menos organizadas sempre contra à modernidade e a globalização e tudo que ambas representam. Conforme observa Rouanet (op.cit.),

“a modernidade levou por um lado à ruptura das relações sociais arcaicas (desculturalização) e por outro à racionalização crescente do mundo (dessacralização). Mas essa descrição esconde, em sua secura, **o extraordinário sofrimento que a modernização impôs a grupos humanos ainda imersos em relações feudais e adeptos de uma visão religiosa do mundo.** Se quisermos ter uma ideia desse sofrimento temos que abandonar a sociologia acadêmica e reler uma das mais conhecidas passagens do ‘Manifesto comunista’, de Marx, segundo o qual a modernidade burguesa destruiu todas as relações sociais pré-capitalistas e profanou tudo o que era sagrado. Se substituirmos a palavra “sofrimento” por um termo mais técnico — trauma — diríamos que a modernidade infligiu a milhões de seres humanos dois grande traumas: **o primeiro ao arrancá-los de suas culturas tradicionais e o segundo ao impor-lhes uma secularização forçada** [...] A resistência à desculturalização se manifesta como reivindicação de identidades culturais agredidas, como vontade de re-territorialização num mundo em contínuo processo de relativização de todos os espaços locais e nacionais [isto também ocorre como reação fascista]. **Essa resistência assume a forma de uma fantasia sadomasoquista que reencena continuamente o episódio da agressão cultural (fixação positiva ao trauma) e a de uma fantasia de realização de desejo que foge do trauma idealizando uma cultura mítica, pré-traumática. A política das identidades, alguns movimentos sociais, e certas vertentes do**

movimento antiglobalização representam a condensação dessas duas fantasias, dessas duas maneiras de contestar a modernidade. Do mesmo modo, a resistência à secularização se manifesta como re-atualização permanente dos episódios de violência, durante os quais a religião foi agredida pelo choque traumático (fixação positiva), e como regressão a um passado intacto em que a religião reinava sem partilha e a autoridade da tradição não era contestada (fixação negativa)” (ROUANET, 2003). [negrito meu].

Obs.: Este é um ensaio, não artigo resultado de pesquisa sistemática. São apenas notas, reflexão, enfim é uma tentativa de organizar minhas ideias sobre o assunto fascismo de esquerda. Estou aberto à crítica e ao debate. Depois das referências, apresento adendos sobre alguns termos associados ao tema.

Referências

- ADORNO, Theodor. **"Meu pensamento sempre esteve numa relação indireta com a prática"**. Entrevista concedida à revista alemã "Der Spiegel" (nº 19) em 1969, ano em que morreu (no dia 6 de agosto). Disponível em: <http://nupese.fe.ufg.br/uploads/208/original_Theodor_Adorno_ADORNO_-_MEU_PENSAMENTO_SEMPRE_ESTEVE_NUMA_RELACAO_INDIRETA_COM_A_PRATICA.htm?1345853881>
- ARONSON, Ronald. **Camus e Sartre: o polêmico fim de uma amizade no pós-guerra.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- BAUMAN, Z. O triplo desafio. **Revista Cult**, edição 138, 2009. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/inedito-o-triplo-desafio/>
- BECKER, S. **A fantasia da eleição divina: Deus e o homem.** Rio de Janeiro: C. Freud, 1999.
- BOBBIO, N. **Qual socialismo? Discussão de uma alternativa.** 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução de Denice Barbaba Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CANETTI, Elias. **Massa e poder.** São Paulo: C. Letras, 1995.

FREITAG, Bárbara. **A teoria crítica:** ontem e hoje. São Paulo: Brasiliense: 1994.

FREUD, S. [1917] **Luto e melancolia.** Rio de Janeiro: Imago-Edição Standard, 1974, v. XIV, p. 275-292.

LIMA, Raymundo. **A mordida dos cínicos.** Fev/2012. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/15907/8666>

LIMA, Raymundo. **O poder hiponótico do slogan.** Out/2003. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/029/29ray.htm>

LIMA, R. **Revolução ou revolta? Parte 1.** Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/086/86lima_raymundo.htm

LIMA, R. **Revolução ou revolta? Parte 2** (Um retorno à Camus, em 7 pontos). <<http://www.espacoacademico.com.br/087/87lima.htm>>

ROUANET, Sérgio Paulo. Os três fundamentalismos. **Folha de S. Paulo**, Cad. Mais, 21/out/2001.

ROUANET, Sérgio Paulo. Os terríveis simplificadores. **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais, 04/jan/2004.

ROUANET, Sérgio Paulo. Os choques da civilização. **Folha de S. Paulo**, 04/01/2003.

SALINAS, S. R. A. Fascismo de esquerda. **Jornal da USP**. 09 a 15 de agosto de 2004.

STEIN, Ernildo. **Órfãos de utopia:** a melancolia da esquerda. P. Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1993.

TERRA, Ricardo Ribeiro. 2012. Disponível em: <http://espacoacademico.wordpress.com/2012/10/06/pela-democracia-na-usp/>

ZIZEK, Slavoj. **Eles não sabem o que fazem. O sublime objeto da ideologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

Adendos:

1) Integralismo: O movimento integralista de Plínio Salgado, visível nos anos 1930-40, se revelou tradicionalista, ultra-conservador, anti-modernista, ultra-nacionalista, anti-semita, anti-comunista e anti-capitalista-liberal (sic), portanto fica do lado do fascismo (e não do nazismo, até porque o integralismo brasileiro teve afro-descendentes entre seus membros). O integralismo fez intensa mobilização dos seus membros contra o divórcio, contra a escola laica, pública, contra os direitos plenos da mulher, contra a interrupção voluntária da gravidez, e nesse sentido ele aproxima do ideário fascista, sim. (Cf.: Ação Integralista Brasileira em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Integralismo_brasileiro)

2) Fundamentalismo religioso é fascismo?

Para Rouanet (2001), o fundamentalismo religioso impede o homem de pensar por si mesmo, desativa sua razão e simplifica realidades complexas. Os três os

fundamentalismos religiosos de nossa época: judaico, islâmico e cristão, podem apresentar indícios de fascismo em seu discurso e prática. Os três têm em comum o tradicionalismo em questões morais e uma posição retrógrada quanto ao estatuto da mulher. São puritanos e misóginos. São conservadores até certo ponto. Por exemplo, os pregadores fundamentalistas cristãos dominam todas as técnicas da comunicação de massas, falam em estádios gigantescos e alcançam audiências inimagináveis por meio do rádio e da televisão. Os *fundamentalistas cristãos* (no Brasil, temos a TFP/ Instituto Plínio Correia, e evangélicos, ambos raivosos contra a união civil homoafetiva, etc.). O fundamentalista cristão do tipo TFP (Sociedade da Tradição, Família e Propriedade, que hoje se apresenta como Instituto Plínio Correia) atua com ideário tradicionalista de inspiração fascista, porque usa o argumento da defesa de ordem natural, determinada pela lei divina, onde reinam indiscutidos o patriarca sobre a mulher e os filhos; o padrão tem poder “natural” sobre os

trabalhadores; os governadores tem poder “natural” sobre os governados; o pastor e o sacerdote tem poder “divino” sobre os fiéis e assim por diante. Ou seja, o argumento fascista adquire cada vez mais uma dimensão de discurso “ideológico” *made in*

religião, em vez de uso da força física. Pelo visto, somente os gays vem reagindo ao marketing fascista da TFP atuante nas cidades do interior do Brasil. Por onde anda a esquerda marxista que antigamente tanto lutou contra antifascista?



Tática da TFP/ Instituto Plínio Correa exorta os motoristas “Buzine pelo casamento 1 homem e 1 mulher”, “Contra o aborto”, entra em confronto com o movimento gay.

Os *fundamentalistas judeus* podem usar roupas e barbas do tempo do gueto, mas muitos estão plenamente ligados aos circuitos financeiros do capitalismo moderno. Os fundamentalistas islâmicos usam a tecnologia moderna, para se comunicar com fiéis e o mundo e para praticar o terror, sem nenhum problema de

remorso. Como disse José Saramago “o fator Deus está do seu lado”. Os três fundamentalismos dão as costas à modernidade política, cujas características de pluralismo de opinião e de respeito aos direitos humanos são incompatíveis com a estrutura autoritária do fundamentalismo.



Islamofascistas?

Existem autores que denominam **islamofascismo**, o **fundamentalismo islâmico**. É um termo problemático, porque o fascismo é nacionalista e o islamismo é internacionalista. Mas, sem dúvida há fortes pontos comuns entre o fascismo e o islamismo: o ódio à democracia laica, reacionarismo, o culto ao patriarcalismo, moralismo exacerbado, misoginia, igualdade uniformizada, elogio à ignorância. O islamofascismo tem como bandeira principal o combate ao imperialismo (estadunidense). Quando o Iran desafia o mundo com o seu programa nuclear, o Hamas e o Hezbollah enfrentam Israel, o os Talibans resiste no Afeganistão, usando o terror e investindo na produção e venda de ópio e o ataque às mulheres ousadas, é ou não fascismo? Quando a Al-Qaeda manda homens-bomba explodir civis em Londres, Madrid e Nova Iorque, atua contra as democracias laicas. O reacionarismo exacerbado do fascismo islâmico parece não incomodar a esquerda laica, principalmente um tipo de marxismo supostamente ateu. “Preferem o fascismo verde à democracia burguesa». Para que serve esquerda desta?”. Assim pergunta o site “Esquerda Republicana”, publicada em Portugal.

3) **“Democracia socialista?”** é o título do ensaio de Norberto Bobbio (1983), que ironiza: “A relação entre esta ideia de socialismo (aquela que emerge de *Estado e revolução*, [de Lenin], e o socialismo que existe não é muito diversa daquela que se interpõe entre o Sermão da Montanha e a Santa Cidade do Vaticano” (p.22).

--“Sabemos, por exemplo, que nos estados capitalistas não existiria uma elite no poder, mas uma classe dominante; não sabemos, entretanto, se nos estados socialistas existe

uma classe dominante ou uma elite no poder, ou qualquer outra coisa” (p.23).

--A crise da democracia nos países capitalistas [é um fato]. “O socialismo nunca repudiou, pelos menos em teoria, a democracia, mas sempre se apresentou como uma forma mais perfeita de democracia ou como o acabamento histórico do ideal democrático sob a forma de uma democracia não mais formal, porém substancial, não mais comento política mas também econômica, não somente dos proprietários mas de todos os produtores, não representativa e delegada mas não delegada e, portanto, direta, não parlamentar mas dos conselhos operários, e assim por diante...” (p.29).

--“O partido [único] surgido, como um sindicato, numa sociedade conflitiva e como representante de uma das partes em conflito, uma vez transformado no único gestor do poder, sem rivais, mudou sua própria natureza. Enquanto durar nos países socialistas esta situação de fato, que está estreitamente ligada ao modo como se deu a passagem do estado capitalista ao socialista, a instituição da democracia socialista encontrará estrada barrada por um obstáculo intransponível. Não vejo, realmente, como se possa fingir que este obstáculo não existe: cada discurso sobre a democracia socialista não pode começar senão de uma análise o mais possível desmitificada (o que significa polêmica sem ideias preconcebidas) da situação real” (p.30). Em síntese, fica difícil sustentar o projeto de um socialismo democrático baseado apenas num partido único entronado para sempre no governo. (BOBBIO, N. **Qual socialismo? Discussão de uma alternativa**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983).



* **RAYMUNDO DE LIMA** é Mestre em Psicologia (Psicologia Social) pela Universidade Gama Filho e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo; Professor do Departamento de Fundamentos da Educação – Universidade Estadual de Maringá (DFE/UEM).